

O Que Nos Trouxe ao Movimento?

POR QUE surgiu o movimento? Que oferecia êle que nos atingiu tão pessoalmente, nossa vida, nosso caminho, todo o mundo em que vivíamos?

Sejamos francos, nenhuma teórica compreensão de que o mundo caminha para o socialismo seria capaz de atrair, por sí só, massas de jovens da classe burguesa para a classe obreira, como aconteceu conosco. E nossa parca educação nas tradições judaicas não bastaria para animar cada um a enfrentar a imensa revolução pessoal que significa transferir a vida de um lugar ao qual se está habituado, identificado, acomodado, para outro, mil milhas longe, diverso, estranho, hostil.

Quando hoje olhamos para trás, para os primeiros tempos, as centenas de jovens que em poucos meses se uniram ao redor dum mesmo caminho, compreendemos que foi uma ideia ética, humana, o grande impulso que nos trouxe ao movimento. Certo, havia todo um fundo nacional, todo um complexo de circunstâncias históricas apontando para um determinado ano como o da eclosão da crise do renascimento de uma nação. Mas homens não se incendiam por análises históricas, mas sim, pelo que as análises históricas criam de pessoalmente valioso para cada um.

Tôda juventude exige uma missão, e mais que tôdas, a juventude judaica, mais vibrátil, mais sensível espiritualmente. A pobreza em sí da vida que levávamos, o praticismo limitado de uma coletividade que depressa enriquecera, mas que nem por isso se tornara mais rica de idéias e concepções, o estreitismo provinciano de um meio-ambiente encerrado em suas próprias satisfaçõezinhas, nos próprios conceitos e preconceitos, indiferente pelo que se passa ao redor, no mundo, a falta de um ideal. E de repente, a grande utopia, a convulsão heróica do reerguimento do Estado Judeu, e um reerguimento em bases de igualdade e justiça social, onde o homem não explorasse o homem, e muito mais, no *Kibutz*, a sociedade mais livre e mais

avançada, enfim, a concretização do mais ousado sonho nacional e social que homens jamais haviam ousado sonhar, isto abalou tôda a parte melhor e mais idealista de nossa juventude, fê-la erguer-se e dispôr-se de corpo e alma à grande missão que os tempos lhe ofereciam. Embriagávamo-nos no verbo poderoso de Gordon, o profeta do renascimento nacional de nosso povo, e junto sonhávamos o seu “Sonho da Aliá”:

“... Filho de Homem! Repara nestas ruínas, observa-as atento, delas não afaste teu olhar. Pois saberás, unindo compreensão ao teu conhecimento, que estas ruínas são as ruínas de tua alma, que a destruição é a própria destruição que impera em tua vida, a que viveste em terras estranhas até os dias de hoje... Tem presente, joga-se teu destino! Pois acontecerá que, se aguçares tua observação, notarás, debaixo das ruínas arde ainda uma brasa órfã, a qual o hálito da Terra se esforça em reanimar. E acontecerá que, quando abandonares esta vida que outros te forjaram, tal como um dia abandonaste tua terra, e para cá vieres erguer-te uma nova vida, uma vida tua, então recobrará sua labareda. Então também tú terás tornado a viver, e reviverá teu povo e tua terra...”

Mais tarde, emoção e sentimento receberiam a basificação lógica da análise racional, da interpretação histórica científica. Familiarizáramos-nos com os estudos de Borochof sôbre a questão da nacionalidade judaica, observaríamos nossa condição de povo-classe, concentrado entre os poros da organização econômica capitalista; reconheceríamos o caráter imanente, infalível, de nossas peregrinações dum lugar para outro, compreenderíamos que apenas a concentração territorial, a criação de *condições de produção* resolveria o problema da nacionalidade deslocada. Descobriríamos que êste território deveria ser Eretz Israel, por ser a terra onde se formara e desenvolvera o fundamento da supra-estrutura espiritual que caracterizara nossa nacionalidade na Golá.

A união de sentimento e ideologia formariam, então, a fôrça viva para o pensamento e a ação do movimento. Mais tarde, baixaria a onda emotiva que dominara a coletividade quando da criação do Estado; formar-se-ia, pouco a pouco, a diluída atmosfera judaica em que vive ela hoje. Também o movimento sentiria seus efeitos, tanto externamente, quando a maré baixa chegasse às vezes a nos colocar em verdadeiro antagonismo em relação à rua judaica, pelas

diferenças entre os caminhos que traçava um e outro, como internamente, pela contaminação das mesmas descrenças e diluições que afetavam a coletividade. Afinal, éramos parte orgânica dela, não podíamos deixar de sofrer as mesmas situações e nem fugir ao caro preço em que isto implicasse. A boa estrutura organizacional, a disciplina interna, apoiando a reação do próprio movimento, e mais tarde, o contacto mais estreito com Israel e Bror Chail, permitiriam ao movimento voltar à normalidade; e normal é sua vida hoje, normal dentro das dificuldades.

Mas a centelha maravilhosa, êste produto do amadurecimento final de condições históricas acumuladas, que traz consigo todo o poder, tôda a fôrça represada em séculos de preparação e amadurecimento, que eletrizara centenas, milhares, milhões, arrancara gente de uma vida e a lançara em outra, nos dias da eclosão de Israel livre, êstes foram momentos inolvidáveis, pertencentes não apenas à mera recordação, mas ao genuíno patrimônio espiritual do movimento.